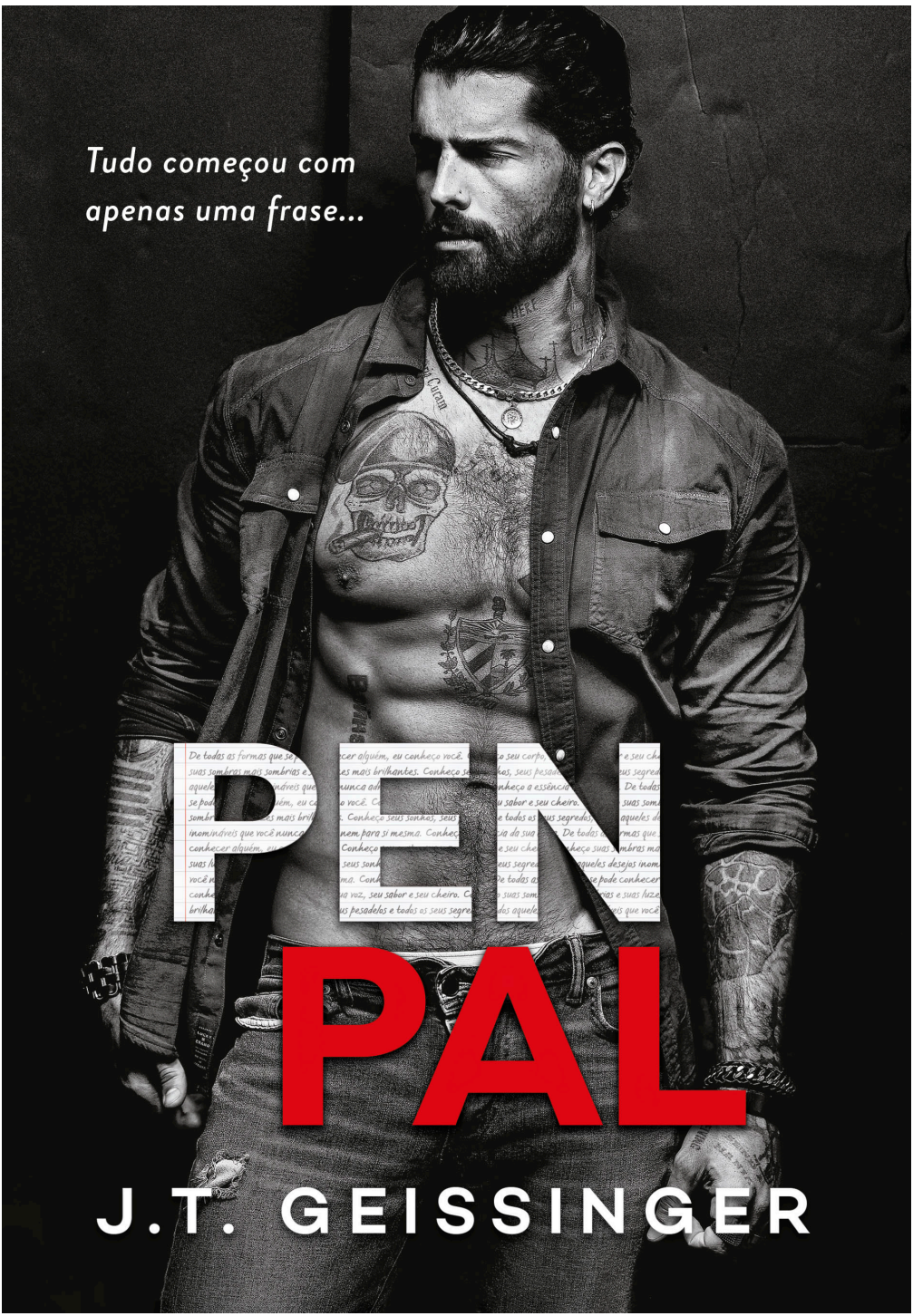
Tudo começou com
apenas uma frase...
PEN
PAL
J.T. GEISSINGER

Para Jay, que tem o dom de me encontrar na escuridão.

I

INFERNO

"O caminho para o Paraíso começa no Inferno."
– *A divina comédia*

1

Chove enquanto o caixão do meu marido é baixado em um buraco na terra. Chove forte, como se o próprio céu fosse se rasgar ao meio como meu coração se rasgou.

Fico imóvel sob um guarda-chuva, como os outros enlutados, ouvindo a ladainha do padre sobre ressurreição e louvor, bênçãos e sofrimento, redenção e o santo amor de Deus. Palavras de mais e sentido de menos.

Tudo é insignificante. Michael deixou um vazio no meu peito, e nada mais importa.

Deve ser por isso que me sinto tão entorpecida. Estou vazia. A dor me dilacerou e espalhou meus ossos por uma terra desolada, onde secarão sob o sol implacável por mil anos, no silêncio.

Uma mulher atrás de mim chora, um som abafado pelo lenço. Sharon? Karen? Uma colega de Michael que conheci há muito tempo em uma confraternização de professores. Uma daquelas festas horrorosas de fim de ano no anfiteatro da faculdade onde servem vinho barato em copos plásticos e as pessoas ficam num papinho furado sem nenhuma naturalidade até estarem bêbadas o suficiente para dizerem o que realmente pensam.

A tal Sharon ou Karen atrás de mim xingou Michael de babaca naquela festa. Não me lembro o motivo, mas deve ser por isso que ela está chorando agora.

Quando uma pessoa morre, começamos a lembrar todas as vezes que falhamos com ela.

O padre faz o sinal da cruz, fecha a Bíblia e dá um passo para trás. Eu me aproximo devagar, me agacho, pego um punhado de terra no monte ao lado e jogo sobre o caixão fechado.

O torrão de terra úmida provoca um triste som oco ao cair na tampa cinza do caixão, um baque indiferente de finitude. Em seguida a terra escorrega, deixando para trás uma marca marrom que parece um borrão de merda.

De repente, começo a tremer de raiva. Sinto o gosto de cinzas e amargura na boca.

Que ritual mais idiota. Por que perdemos tempo com isso? Até parece que os mortos podem ver nosso luto. Eles não estão mais aqui.

Uma súbita rajada fria de vento faz as folhas nas árvores farfalharem. Dou meia-volta e saio andando na chuva, sem nem olhar para trás quando alguém soluça meu nome baixinho.

Preciso ficar sozinha com a minha dor. Não sou do tipo que gosta de lamentar tragédias. Ainda mais quando a tragédia é minha.

Quando chego em casa, demoro um pouco para registrar que estou ali. Não me recordo do caminho do cemitério até aqui, mas essa lacuna de tempo não me espanta. Desde o acidente, estou em um nevoeiro. É como se meu cérebro estivesse coberto por nuvens carregadas.

Li em algum livro que o luto é mais do que uma emoção; também é uma experiência física. Devido ao estresse, várias substâncias químicas nocivas são liberadas na corrente sanguínea de um enlutado. Fadiga, náusea, crises de enxaqueca, tontura, aversão alimentar, insônia… A lista de efeitos colaterais é longa.

Sinto todos eles.

Tiro os sapatos e os deixo sob o aparador no hall de entrada. Jogo o casaco de lã no encosto de uma cadeira na cozinha e abro a geladeira. Fico olhando as prateleiras enquanto a chuva tamborila nas vidraças e tento me convencer de que estou com fome.

Não estou. Sei que deveria comer para me manter forte, mas não tenho apetite para nada. Deixo a porta se fechar e pressiono as têmporas latejantes com a ponta dos dedos.

Outra enxaqueca. É a quinta da semana.

Ao me virar, reparo no envelope sobre a mesa, ao lado da fruteira. Um retângulo branco, as palavras escritas em uma caligrafia elegante, com um selo que diz AMOR em letras vermelhas.

Tenho certeza de que não estava ali quando saí.

Meu primeiro palpite é que Fiona trouxe as correspondências para dentro, mas logo lembro que ela limpa a casa às segundas. Hoje é domingo.

Então como o envelope apareceu ali?

Quando pego a carta, o estrondo de um trovão sacode as janelas. Uma súbita rajada de vento assobia entre as árvores lá fora. A sensação arrepiante percorrendo meu corpo se intensifica quando leio o remetente: Penitenciária Estadual de Washington.

Franzindo a testa, rasgo a borda do envelope e tiro uma folha de papel branco de dentro. Desdobro-a e leio em voz alta:

– Vou esperar para sempre se for preciso.

Só isso. Mais nada além de uma assinatura rabiscada abaixo dessas palavras.

Dante.

Viro a folha, mas o verso está em branco.

Por um breve instante penso que a carta deve ser para Michael. Descarto a ideia assim que vejo que está endereçada a mim. É meu nome bem ali na frente do envelope, escrito em letras maiúsculas com caneta azul. Seja lá quem for, esse tal de Dante escreveu isso para mim.

Mas por quê?

E o que exatamente ele está esperando?

Perturbada, dobro a carta, a enfio de volta no envelope e o largo sobre a mesa. Em seguida, verifico se todas as portas e janelas estão trancadas. Fecho as cortinas e as persianas diante da tarde úmida e cinzenta, me sirvo uma taça de vinho e continuo sentada à mesa da cozinha, fitando o envelope com um mau pressentimento, uma sensação estranha.

Uma sensação de que algo está para acontecer.

E que, seja o que for, não é bom.

QUANDO ME ARRASTO da cama pela manhã, a dor de cabeça ainda está lá, porém o pressentimento sufocante se foi. Venta bastante e o dia está nublado, mas a chuva parou. Por enquanto, pelo menos. Washington é úmida e nublada o ano todo, só que janeiro carrega uma melancolia fora do comum.

Tento trabalhar, porém desisto depois de apenas uma hora. Não con-

sigo me concentrar. Tudo o que desenho tem um ar deprimente. O livro infantil que estou ilustrando conta a história de um menino tímido que faz amizade com um coelho falante, mas hoje meu coelho parece preferir uma overdose de morfina a comer as cenouras que o menino lhe oferece.

Abandono meu posto e vou até a cozinha. A primeira coisa que atrai meu olhar é a carta sobre a mesa. A segunda é a água por todo o chão.

Durante a noite, uma goteira apareceu no teto. Duas, para ser mais exata.

Eu sabia que deveríamos ter comprado uma casa mais nova.

Mas Michael não quis. Preferia as mais antigas, com "personalidade". Quando nos mudamos para esta casa vitoriana no estilo Rainha Ana, há seis anos, éramos recém-casados e tínhamos mais energia do que dinheiro. Passávamos os fins de semana pintando e martelando, arrancando carpetes velhos e tapando buracos das paredes.

Foi divertido por uns três meses, depois se tornou exaustivo e logo virou uma guerra de egos. Nós dois contra uma casa que parecia determinada a permanecer em ruínas por mais que tentássemos reformá-la.

Trocávamos um cano estourado e o aquecedor pifava. Substituíamos os eletrodomésticos antigos da cozinha e achávamos mofo no porão. Foi um carrossel interminável de reparos e substituições que sugou nossas economias e nossa paciência.

Michael planejava consertar o telhado este ano.

Às vezes me pego pensando nas tarefas que continuarão em aberto quando eu morrer, mas logo me obrigo a pensar em outra coisa porque já estou triste demais.

Pego dois baldes de plástico na garagem e os posiciono sob as goteiras da cozinha, depois volto para buscar o esfregão. Levo quase uma hora para secar toda a água do chão. Quando estou terminando, ouço a porta da rua se abrir e se fechar. Olho para o relógio no micro-ondas.

Dez horas. Bem no horário.

Minha faxineira, Fiona, entra na cozinha. Quando ela dá de cara comigo, larga as sacolas de material de limpeza que está segurando e solta um grito de gelar o sangue.

Nem sequer me assusto com o grito, mais uma prova de como estou exausta.

– Estou tão feia assim? Me lembre de passar uma maquiagem quando você vier na semana que vem.

Com a respiração ofegante e o rosto pálido, ela apoia o braço no batente da porta e faz o sinal da cruz.

– Jesus amado! Você me deu um baita susto!

Olho feio para ela.

– Quem você achou que eu fosse? O Papai Noel?

Fiona solta uma risada fraca e delicada. De ascendência escocesa, ela é rechonchuda e bonitona, tem olhos azuis brilhantes, bochechas rosadas e pernas roliças. As mãos são vermelhas e ásperas por conta dos anos de faxina. Embora já deva estar beirando os 70, Fiona tem a energia de uma mulher com metade de sua idade.

Ter a ajuda dela para manter a casa em ordem é um luxo caro, mas com dois andares, uns quinhentos metros quadrados de área e o que parece ser um milhão de cantos e frestas para acumular poeira, este lugar precisa de limpeza constante.

Fiona balança a cabeça enquanto se abana e ri.

– Nossa! Você fez este velho coração dar um pulo, querida! Faz tempo que isso não acontece.

Em seguida ela fica séria e olha bem para mim, me examinando como se não me visse há uns cem anos.

– Como você está, Kayla?

Desvio o olhar. Não consigo mentir encarando aqueles olhos azuis penetrantes.

– Estou indo. Só tentando me manter ocupada.

Ela hesita, como se não soubesse bem o que dizer. Então solta o ar e faz um gesto frustrado em direção à janela, apontando para a vista nublada ao longe, as águas do estuário.

– Sinto muito pelo que aconteceu. Li no jornal e foi um choque enorme. Tem alguma coisa que eu possa fazer?

– Não. Mas obrigada. – Pigarreio. *Não chore. Não chore. Recomponha-se.* – É claro que não precisa se preocupar com a cozinha hoje. Vou chamar alguém para dar uma olhada no vazamento, mas, enquanto isso, não vale a pena perder tempo passando pano, já que logo tudo vai ficar molhado de novo. Não precisa limpar meu escritório esta semana, e também…

Engulo o nó na garganta e prossigo:

– Também pode pular o escritório do Michael. Acho que prefiro deixar como está por enquanto.

– Eu entendo – diz ela, suavemente. – Então você vai ficar aqui?

– Vou. Ficarei em casa o dia todo.

– Não, eu quis perguntar se você vai ficar morando aqui.

Há algo estranho no tom dela, algo nas entrelinhas que não estou captando, mas logo cai a ficha. Ela está preocupada em perder o emprego.

– Ah, não estou em condições de vender a casa agora. É muito cedo para tomar uma decisão tão importante. Talvez daqui a um ou dois anos, quando as coisas estiverem mais tranquilas. Não sei. Para ser sincera, estou tentando pensar em um dia de cada vez.

Fiona assente. Permanecemos num silêncio constrangedor por algum tempo, até que ela aponta por cima do ombro e diz:

– Vou lá pegar no batente então.

– Está bem. Obrigada.

Ela pega as sacolas que deixou cair no chão e se vira para sair, mas dá meia-volta de repente e fala de supetão:

– Você está nas minhas preces, querida.

Nem perco tempo lhe dizendo para não gastar seu latim.

Sei que sou uma causa perdida, que não há oração no mundo capaz de me ajudar, mas isso não quer dizer que eu tenha que ser grosseira. Apenas mordo o lábio, faço um sim com a cabeça e engulo as lágrimas.

Quando ela sai, meu olhar pousa na carta sobre a mesa. Não sei dizer o que me leva a fazer isso, mas, antes mesmo que eu perceba, já estou sentada para redigir uma resposta. Escrevo no verso da carta que Dante me enviou: *O que exatamente você está esperando?*

Ponho na caixa de correio antes de perder a coragem. Demora uma semana para chegar a resposta, e é ainda mais curta do que a minha. Na verdade, só uma palavra: *Você.*

No canto inferior direito do papel, há uma mancha seca com cor de ferrugem que parece sangue.

2

Guardo a carta no fundo da gaveta de calcinhas e a deixo lá, decidida a esquecer o assunto. Se receber outra, vou ligar para o policial simpático que me interrogou depois do acidente e pedir sua opinião. Talvez eu o convença a investigar esse tal Dante para ver o que ele consegue descobrir.

Enquanto isso, tenho que me preocupar com outras coisas.

Além das novas goteiras, a casa também resolveu dar problemas elétricos. O lustre da sala de jantar fica piscando. Ouço estalos e chiados quando ligo o interruptor da suíte principal. De tempos em tempos a campainha toca sem que haja ninguém lá fora.

Tentei falar com três empresas de manutenção de telhado das redondezas, mas nenhuma retornou minhas ligações. Então agora estou esperando um faz-tudo, um cara chamado Ed.

Encontrei o cartão dele no fundo da gaveta de bagunça da cozinha enquanto procurava uma caneta.

Não sei por quê, mas imagino um homem mais velho, já calvo e com barriga de cerveja, usando um cinto de ferramentas. Em vez disso, o que vejo ao abrir a porta é um jovem sorridente e esbelto de cabelo castanho comprido, com uma tiara de couro trançada. Está vestindo uma camiseta do John Lennon, jeans desbotado de boca de sino e chinelo e traz na mão uma caixa de ferramentas enferrujada.

Ele fede a maconha.

– Oi. Você é a Kayla?

– A própria.

Sorrindo, ele estende a mão.

– Eu sou o Eddie.

Retribuo o sorriso e apertamos as mãos. Ele parece ser do bem e inofensivo, duas qualidades que valorizo em qualquer homem que permito que entre na minha casa quando estou sozinha.

– Entre. Vou mostrar a casa para você.

Ele me acompanha à cozinha, fazendo comentários sobre como é bacana a casa.

– Bacana, mas está desmoronando a cada dia. – Aponto para os dois círculos marrons de umidade no teto da cozinha.

– Pois é, essas casas antigas precisam de muito amor e carinho. – Ele examina bem as manchas. – Principalmente com a umidade daqui. Você tem problemas com mofo?

– Não mais. Faz alguns anos que resolvi isso. O problema agora é o vazamento no telhado e a parte elétrica. – Conto por alto o que está acontecendo com as luzes e a campainha. – Também sinto cheiro de queimado quando uso a secadora. E às vezes a TV desliga sozinha. Ah, e algumas lâmpadas estouraram esses dias.

Uma súbita corrente de ar frio faz os pelos dos meus braços e da minha nuca se eriçarem. Um arrepio desce pela minha coluna. Tremendo, esfrego os braços.

Seria bom aproveitar a visita e pedir para ele dar uma olhada na vedação das janelas. Mas vamos por partes.

– Vou mostrar para você onde fica o quadro de força.

Eddie me acompanha até a área de serviço, nos fundos da casa, ao lado da garagem. A máquina de lavar e a secadora ficam lá, junto dos armários que guardam uma miscelânea de utensílios domésticos.

Eddie abre o quadro de força e dá uma olhada rápida nos disjuntores.

– Vou verificar a voltagem primeiro para ver se o disjuntor está funcionando na capacidade certa. Depois vou avaliar o estado da fiação. Pode ser que a água tenha causado algum estrago ou desgaste. Depois vou verificar todas as tomadas para ter certeza de que não estão danificadas. Onde fica o relógio?

– Lá fora, perto do portão da garagem.

– Beleza. Vou dar uma olhada nele também. Devo levar uma hora e pouco para verificar tudo, daí passo um orçamento para você. Pode ser?

– Claro, obrigada. Para chegar ao sótão, você precisa abrir a portinha

que fica no teto do closet da suíte principal, no segundo andar. A escada está na garagem.

– Beleza.

– Se precisar de alguma coisa, é só chamar. Estarei por aqui.

– Pode deixar.

Deixo Eddie com seus afazeres e vou para meu escritório. Consigo trabalhar um pouco, até que a enxaqueca começa. É um latejar incômodo nas têmporas e uma pressão tão forte atrás dos olhos que me faz lacrimejar. Fico deitada num pequeno sofá, com as cortinas fechadas e as luzes apagadas, até Eddie aparecer na porta com sua caixa de ferramentas.

– Ops, foi mal. Não sabia que você estava dormindo. Eu só ia dar uma olhada nas tomadas daqui.

Eu me sento, desorientada.

– Eu não estava dormindo, só descansando os olhos. Estou com uma dor de cabeça terrível.

Ele meneia a cabeça em solidariedade.

– Eu tinha umas enxaquecas bem loucas.

Tinha, no passado. Sinto uma mágica pontada de esperança.

– E o que ajudou você? Nada que eu tomo faz efeito.

– Você vai dar risada. Se importa se eu acender a luz?

– De jeito nenhum. E não vou rir, prometo. Estou desesperada.

Assim que Eddie aciona o interruptor e a luz inunda a sala, eu me retraio. Tento me levantar, mas percebo que estou muito atordoada. Então afundo de volta no sofá, fecho os olhos e faço uma leve pressão no alto do nariz.

Quando foi que comi pela última vez? Não lembro.

Eddie percorre a sala à procura de tomadas. É tão magro que mal dá para ouvir seus passos. Já vi gatos que faziam mais barulho.

– Depois que comecei a fazer terapia, não tive mais dor de cabeça. Puf, cara. Sumiu. No fim, descobri que eu estava reprimindo muitas emoções.

Abro os olhos e o vejo agachado embaixo da minha mesa com um pequeno voltímetro na mão. Ele o espeta na tomada, espera um pouco e lê sabe-se lá o que o visor esteja mostrando, depois se levanta e vai para a próxima tomada, repetindo o processo.

– Chamam isso de doença psicossomática. Nosso cérebro faz a gente ficar doente. O estresse é *muito* tóxico. Doideira, né?

– Doideira mesmo – concordo, me perguntando se ele mora em alguma ecovila.

Espalhadas por todo o estado de Washington e pela região de Seattle, há comunidades alternativas que surgiram nos anos 1960, a época do amor livre, em que as pessoas dividem casas e recursos e se abstêm de coisas modernas como celulares e alimentos transgênicos.

Sou reservada demais para dividir espaços muito íntimos com gente que não está transando comigo, mas não julgo as escolhas de vida de ninguém.

Levantando-se, Eddie se vira e olha para mim.

– Se você quiser, posso passar o nome do meu terapeuta. A não ser que você ache que seu problema não tem a ver com estresse…

– Perder meu marido conta como estresse?

Não sei por que falei isso. Nem por que falei em tom tão mordaz. Não costumo expor meus sentimentos e não sou sarcástica como Michael era. Ele encarava assuntos depressivos ou mórbidos com humor ácido, às vezes passando a impressão de que era insensível, mas eu sabia que era apenas um mecanismo de defesa. O homem era um doce.

Eddie fica me olhando, confuso.

– Você perdeu seu marido?

Não é possível que alguém seja tão burro assim.

– Ele morreu.

Agora Eddie parece abalado.

– Nossa, cara. Sinto muito.

– Obrigada.

– Faz tempo?

– Véspera de Ano-Novo.

– Puta merda! Faz só algumas semanas!

É melhor eu parar de falar. Toda palavra que sai da minha boca deixa o coitado cada vez mais compadecido. Sempre tive excesso de compaixão; esse é um dos motivos para eu preferir ficar mais isolada. O peso das emoções de todo mundo, além das minhas, às vezes pode se tornar sufocante.

– Pois é. Enfim… – Consigo me levantar desta vez e, em seguida, pergunto, evitando o olhar de Eddie: – Então, qual é o veredicto?

No seu silêncio, sinto que ele está me analisando. Lendo a tensão no

meu corpo e o falso tom alegre na minha voz. Talvez seja compassivo também, pois parece ficar com pena de mim e responde:

– Olha, o vazamento do telhado é um problemão. A água está entrando pelo deque perto da torre, então eu precisaria remover as telhas e serrar a madeira para consertar. Considerando as empenas, a torre e a inclinação íngreme do próprio telhado, isso vai dar um trabalhão, sinto informar. Você vai ter que chamar um especialista mesmo.

Sinto um aperto no coração. Toda vez que um especialista entra em cena, minhas despesas vão lá nas alturas.

– Liguei para três especialistas antes de achar você, mas não consegui falar com nenhum.

Ele dá uma risadinha, balançando a cabeça.

– É, não sei por quê, mas esse pessoal que mexe com telhado tem fama de enrolão. Eu até indicaria alguém, mas não conheço ninguém de confiança para um trabalho desses.

– Tudo bem. Obrigada mesmo assim. Vou continuar tentando. Eu estava torcendo para não precisar ligar para uma empresa de Seattle porque elas são muito careiras, mas acho que não vai ter jeito.

Após alguns segundos, ele gentilmente se oferece:

– Se quiser, posso dar uma olhada no orçamento que você receber. Para ninguém te passar a perna.

Porque estou sozinha, ele quer dizer. Porque não vai ter um homem aqui para negociar por mim.

Porque alguém na minha situação – sofrendo, confusa e desesperada – é presa fácil para golpistas.

Quando ele abre um sorriso, sei que não está me paquerando. É só um cara legal tentando ajudar alguém que ele sabe que está passando por um período difícil.

Quem dera o mundo inteiro fosse repleto de pessoas tão boas assim.

– É muita gentileza sua, Eddie. Mas eu me viro. Venho de uma longa linhagem de mulheres duronas de Jersey.

O sorriso dele se transforma em uma risada. Ele tem um dente da frente torto, o que é estranhamente charmoso.

– Conheci uma garota assim. Ela tinha só 1,47 metro de altura, mas me fazia borrar as calças.

Sorrio para ele.

– Até dragões pequenos podem cuspir fogo.

– É verdade.

– Então, e a parte elétrica? Está bem ruim, né?

Eddie balança a cabeça.

– Não. Tudo em ordem.

Fico olhando para ele, incrédula.

– Como assim "tudo em ordem"?

– Não encontrei nenhum problema. A corrente está forte, os disjuntores não estão desarmando, não vi nenhum fio desencapado, curto-circuito ou ponto com sobrecarga de energia nem tomadas danificadas ou fios soltos… – Ele dá de ombros. – Tudo nos conformes.

– Não é possível! E as luzes piscando?

– Pode ser um problema na rede elétrica local. Seria bom ver se a mesma coisa está acontecendo com algum vizinho. Algumas partes da rede do bairro têm mais de um século. Seja lá o que for, o problema não está na sua casa.

– E as lâmpadas estourando? Isso com certeza não é normal.

– É mais comum do que você pensa. Ou o fabricante não isolou direito a base e, por isso, o filamento superaqueceu, ou havia algum fio solto entre o bulbo e o soquete que provocou um salto na corrente elétrica. Só fique atenta para não comprar lâmpadas vagabundas a partir de agora, e é bom também confirmar se estão bem rosqueadas.

Estou ficando um pouco irritada. Será que ele verificou mesmo a fiação ou ficou fumando maconha no sótão esse tempo todo?

– Está bem, mas a campainha toca sem ter ninguém lá fora. E o cheiro de queimado quando uso a secadora? Como você explica isso?

Ele hesita. Percebo que está escolhendo as palavras com cuidado.

– É que… você está passando por uma situação muito estressante. – Ele acrescenta, um pouco sem jeito: – Por causa do seu marido e tudo mais.

Fico confusa por um momento. Então a ficha cai, e tenho que respirar fundo antes de abrir a boca para não arrancar a cabeça dele.

– Minha mente não está me pregando peças, Eddie. Os problemas elétricos não são imaginários.

Desconfortável sob meu olhar, ele tenta se explicar:

– Com todo o respeito, só sei dizer que, quando eu estava numa fase ruim, sempre achava que ouvia sussurros e via vultos.

– Alguma dessas coisas aconteceu enquanto você estava sob efeito de substâncias psicoativas?

A expressão dele transparece mágoa, o que interpreto como um sim.

Enfim, acho que nossa relação comercial está concluída. Quem sabe a pessoa que eu vou contratar para consertar o telhado possa me indicar um eletricista lúcido?

– Deixa pra lá. Obrigada por ter vindo. Quanto te devo?

Ele enfia o pequeno voltímetro no bolso de trás da calça, se curva para pegar a caixa de ferramentas no chão, depois se endireita e balança a cabeça.

– Nada, não.

– Imagina, isso não está certo. Você tem que receber pelo seu tempo.

Com o sorriso torto, Eddie joga o cabelo comprido por cima do ombro.

– Obrigado, mas minha política é não cobrar a visita quando não encontro nenhum problema.

Tenho uma leve suspeita de que ele acabou de inventar essa política porque ficou com pena de mim.

– Tem certeza? Não quero abusar da sua boa vontade.

– Que isso, está tudo bem. Mas se de repente um de seus amigos precisar de um faz-tudo…

– Vou te indicar. Pode deixar. Obrigada, Eddie, muito obrigada mesmo.

Ele sorri para mim, exibindo aquele dente torto.

– Vou nessa, então. Se cuida aí, tá? E dá uma ligada se quiser o contato do meu terapeuta. Ele é muito bom mesmo.

Forço um sorriso e minto:

– Ligo, sim. Obrigada de novo.

– Já sei onde fica a saída. Até mais.

Ele sai. Assim que ouço a porta da rua se fechar, vou até lá para ter certeza de que está mesmo trancada. Depois vou à cozinha para tomar um copo de água, mas paro de súbito ao avistar o envelope sobre a mesa.

Mesmo do outro lado do cômodo consigo ver o selo com a palavra AMOR no canto e meu nome em azul na mesma caligrafia impecável.

Minha respiração fica presa na garganta. Meu coração acelera. Minhas mãos começam a tremer.

Então todas as luzes da cozinha ficam mais intensas.

Após um zumbido agudo, elas piscam e se apagam.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br